

RECENSÕES

BARROS, Marcelo. *O Espírito vem pelas águas*. Bíblia, espiritualidade ecumênica e a questão da água. São Leopoldo / Goiás, Cebi / Rede, 2002, 175p. [2 ed. São Paulo / Goiás, Loyola / Rede, 2003].

É muito bem-vinda esta obra sobre o Espírito que vem pelas águas. É um volume bem organizado e impresso em papel amarelo reciclado. Trata-se de reflexões necessárias, pertinentes e necessárias do conhecido monge beneditino Marcelo Barros. Na verdade, é uma obra ecumênica. As reflexões espirituais e bíblicas do monge vêm acompanhadas por dados da realidade e por poesias de autorias várias, que vão de Caetano Veloso a Pablo Neruda, passando por Agostinha Vieira e Guilherme Arantes.

O livro está bem estruturado em quatro capítulos principais. Além disso, é claro, tem uma apresentação, uma introdução do próprio autor e um apêndice.

A apresentação do livro é assinada por Dom Sebastião Armando Gameleira Soares, Bispo da Diocese Anglicana de Pelotas. Este destaca no autor Marcelo Barros a característica de ser uma pessoa “ungida”, isto é, um tipo de pessoas nas quais parece haver “uma espécie de sexto sentido que as faz perceberem a realidade num nível mais profundo, nem sempre acessível a gente comum, mesmo formada em universidades ou em funções de liderança na Igreja. (...) Marcelo é uma dessas pessoas” (p. 7). Sobre o livro, o apresentador destaca que se trata de um esforço de olhar um aspecto da realidade sob a perspectiva de Deus. Isso é fazer teologia. Apresentar a fala na perspectiva de Deus, a partir das raízes de sua manifestação, dos textos sagrados e na companhia da nuvem de suas testemunhas ao longo da história da fé. “Este livro é palavra que retrata esse olhar teológico sobre o desafio da água, pois olha a problemática do ponto de vista de Deus” (p. 8). Ainda na visão do apresentador, o livro de Marcelo Barros está visceralmente perpassado por uma consciência ecológica e planetária, um sentimento de “pertencer ao universo”, que respira as reflexões de Fritjof Capra em seu *Ponto de Mutação* (São Paulo, Cultrix, 1998) e as muitas reflexões de Leonardo Boff não por último em seu livro *O iceberg à Arca de Noé* (Rio de Janeiro, Garamond, 2002), integrando, assim, no pensamento teológico as descobertas da física quântica e da filosofia crítica. “Uma relação com o universo tem de ser marcada, antes de tudo, pelo “cuidado” com todos os seres, a partir da consciência de que tudo é Dom, de que por tudo somos responsáveis e de que a lei maior é a da “pertença” recíproca que tudo entrelaça num imenso todo. Daí tem de, necessariamente, brotar uma espiritualidade da comunhão, da compaixão, da partilha do poder e da posse das coisas” (p. 14).

O primeiro capítulo do livro (p. 21-77) entoa o tom da urgência da temática da água. Vai “lembrando dados da realidade”. Junto com o tom da urgência agrega-se o lamento. O objetivo do capítulo I é dar uma amostragem do “mapa da água no mundo”. Uma nota informativa com origem na ONU expressa que “a disponibilidade

mundial da água diminuiu de 17.000 metros cúbicos *per capita* em 1950 para 7.000 na atualidade. Conforme o mesmo índice, 70% disso vai o consumo agrícola” (p. 25). O aumento quase desordenado da população mundial tem nisso a sua contribuição fundamental, afinal, desde tempos imemoriais a quantia de água no planeta Terra é a mesma, mas a população e as necessidades aumentam cada vez mais. Nesta questão da relação da água com a população, há um dado que pode servir de alerta: “22% da água doce do planeta é gasto no consumo industrial e apenas 8% no consumo doméstico” (p. 25). Com isso, da população total da Terra de aproximadamente 6 bilhões de pessoas, aproximadamente um bilhão e setecentos milhões de pessoas já hoje não têm acesso à água.

Neste primeiro capítulo, o autor vai descrevendo o mapa da água no mundo. Vai indicando dados e descrevendo conjunturas da água nos continentes e também em países em particular. A imagem da ameaça é colocada de forma nova diante dos olhos. Chama a atenção que, ademais da relação crescentemente desigual entre água disponível e habitantes do planeta, o problema maior da crise das águas é a falta de cuidado e a falta de sabedoria na lide com este líquido fontal. Para muitos lugares vale o que afirma o diretor de produção de tratamento de água do Estado do Rio de Janeiro: “a bacia... está em adiantado estado de degradação” (p. 43). Sobretudo os interesses políticos e econômicos têm levado a verdadeiras catástrofes ambientais, cuja reversibilidade, se possível, somente pode ser concebida dentro de um longo período de tempo.

Ainda no capítulo I, Marcelo Barros, além dos dados que indicam para a gravidade da situação da água no mundo, vale de um importante auxílio-auxiliador. Para falar das águas de ou em Goiás, toma a palavra Paulo de Souza Neto, presidente da Agência Ambiental do Estado de Goiás, que pincela o quadro da situação neste Estado.

No capítulo II (p. 78-115), o autor faz um passeio ecumênico por várias tradições mundiais, destacando em cada uma delas contribuições ou especificidades na sua relação com a água. O capítulo leva o título de “A força da Água e o poder do Espírito (A água nas religiões e caminhos espirituais)”. Aqui pulsa o coração do autor, haja vista seu próprio compromisso com o mundo ecumênico. O capítulo destaca que na questão água, sobretudo, deve-se desencadear, formular, promover, incentivar uma “espiritualidade ecumênica e cósmica” (p. 79). Destaca o autor que em muitas tradições autóctones ou aborígenes a “Água é mais do que água” (p. 82); ela é portadora do espírito divino. Após uma rápida pincelada em opiniões de filósofos da Antigüidade sobre a questão, a pena do autor volta a escutar e a perscrutar os “filhos da floresta e dos rios”, tanto no Brasil quanto em outros lugares. A certa altura, o autor destaca: “muitas tradições indígenas dizem que o ser humano foi feito de água e saiu da água para a terra, a fim de cumprir uma missão: a de zelar pela natureza” (p. 87). Também os “orixás das águas e das cachoeiras” são ouvidos neste leque multirreligioso e ecumênico. Assim Marcelo Barros destaca alguns elementos da “água nas religiões afro-brasileiras”, guardando, porém, uma página própria para a “água no simbolismo africano” (p. 96). O “sentido da Água e da Terra no Hinduísmo” (p. 96) também ganha a sua página, ao lado de referências a outras tradições orientais, como no budismo e outras visões religiosas no Japão e na Indonésia. Apesar de o capítulo III destacar a visão bíblica sobre água, o autor

dedica algumas páginas para uma breve descrição da “água da aliança no judaísmo” (p. 102-104), destacando aí a perspectiva do judaísmo pós-bíblico sobre a questão. Algumas perspectivas sobre a “água na tradição do Islã” (p. 104-105) e a partir de tradições populares fecham as reflexões neste capítulo.

No capítulo III, o autor procura fazer frutificar as perspectivas bíblicas para dentro das discussões atuais sobre o tema água. Vindo de Marcelo Barros nem poderia ser diferente, haja vista o profundo compromisso deste teólogo com as tradições fundantes do povo judaico-cristão: a Bíblia. O capítulo leva o título de “Eis a voz do Senhor sobre as águas (A Água e a Terra na Bíblia)” (p. 116-155). Aqui o autor vai destacando como na Bíblia a água tem sentidos diversos: é garantia de vida no deserto, símbolo do caos e, ao mesmo tempo, da fecundidade da vida. O autor destaca várias experiências de povos e gentes bíblicos com a água. A terra própria para viver necessita da água. Por isso, terra é água. Água é bênção e meio para o salvamento e libertação de todo um povo. Assim se expressa nos chamados “credos históricos” do antigo Israel. Mas água também é sinal e símbolo de caos e de ameaça. Essa perspectiva possivelmente o povo das terras palestinas adquiriu em seus intercâmbios culturais sobretudo com os povos da Mesopotâmia. Em termos teológicos, o autor destaca que na tradição bíblica há um fio condutor que afirma que o próprio Deus é considerado a fonte da “água viva” (Sl 36,10; Jr 2,13) e esta fonte é uma fonte *gratuita*, como bem o expressam os textos de Is 55,1 e Ap 22,17: “Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba *de graça* a água da vida”. Se Deus é a fonte da vida, a vida em sua essência é expressa através do sinal da água cristalina, que pode ser sorvida em gratuidade. “Lendo a Bíblia assim a partir da relação entre a Aliança de Deus e o Dom da água que ele garante para o seu povo, não podemos deixar de pensar na realidade da água em nosso mundo” (p. 152).

O quarto capítulo (p. 156-168) serve à guisa de conclusão. Nele, o autor busca delinear “uma espiritualidade libertadora da Terra e Água”. É claro que com isso os olhos estão voltados para a realidade presente. Havendo visto a realidade na expressão de crueza e problemática e na sua expressão religiosa, houve o momento de julgar a partir das tradições e da própria Bíblia. Agora chega a hora de preparar o espírito para o agir no sentido de “propor para nós, nossas famílias e comunidades, algumas pistas de ação ou compromissos interiores e éticos, espirituais e também sociopolíticos com relação ao modo de conviver com a Água”. Estas ações passam por um novo jeito de olhar as coisas da vida e do mundo; passam por uma espiritualidade renovada que bebe no mesmo poço da teologia eco-feminista. O autor termina o seu livro dizendo que “em todo esse trabalho para uma sociedade nova, em comunhão com a Terra e com a Água, podemos testemunhar que cremos na palavra do salmo 36: “Tu és o manancial da vida. Em tua Luz, nós vemos a Luz” (Sl 36,9) (p. 168).

Como dito no início, o livro é bem apresentado em seus quatro capítulos. Vale a pena ser (re)lido por um público mais amplo, para o qual está destinado segundo a linguagem da obra. Podemos nos alegrar com este livro nas livrarias e bibliotecas. É uma boa contribuição de um retirante nordestino fisicamente alocado em terras goianas, mas espiritualmente em comunhão com toda a *ecumene*.

Haroldo Reimer